

## **PODEMOS CONSIDERAR UM MÉTODO DE CRIAÇÃO?**

Autor: Dr. René Giralt

*Este artigo, publicado pelo mesmo autor, está na sequência do anterior. Permite-nos desmistificar expressões, tais como consanguinidade, taras, etc.*

*Vai também perceber, porque só alguns criadores se perpetuam no tempo.*

*Os regulamentos actuais de criação, praticados essencialmente pelos países germânicos, querem inculcar-nos e mesmo obrigar a criar com base em modelos “científicos”.*

*Convença-se que criar é uma arte e o criador é o artista e não é possível “castrar” a sua verdadeira inspiração!*

Os métodos já expostos podem permitir obter uma criação homogénea da raça pura.

Este termo “raça pura” aplica-se ao cão que “descende directamente, sem cruzamento, da sua própria raça.

Ao longo do tempo, o cruzamento entre raças diferentes era praticado com a finalidade de recorrer a qualidades próprias de cada uma delas.

Nesta selecção está igualmente, a consanguinidade.

Devido à diminuição dos cães existentes, provocado pelas guerras e pelo desaparecimento de predadores de rebanhos, individualizou-se um tipo de “raça”.

Foi graças ao esforço dos cinófilos, mais conhecedores e aos amadores que se produziram estalões, que reconhecem as raças puras.

Ao longo do tempo, selecção e consanguinidade caminham de mãos dadas.

Actualmente a genética permite compreender a transmissão de caracteres hereditários.

O estudo da morfologia do cão, a sua ascendência e a sua descendência, associada a uma consanguinidade racional e a uma selecção rigorosa, permitem o melhoramento das raças.

Esta é uma tarefa, que é facilitada por um conjunto de factores (aliados) incluídos em

múltiplos genes, de que uma adição cumulativa transmite hereditariamente certos aspectos de conformação fortemente transmissíveis, tais como a angulação anterior, o comprimento dos membros, o tamanho, o comportamento, a inteligência, etc...

Esta morfologia depende de uma forte, hereditariedade familiar, e é importante procurar qualidades nos ascendentes ou descendentes dos reprodutores.

Diferente das leis de Mendel, que se aplicam a caracteres transmissíveis independentes de um ou outros, existem num mesmo cromossoma caracteres inseparáveis, ligados à combinação inicial.

O criador deve procurar a concentração de genes, com base em observações anteriores, dos melhores reprodutores para fixar um ou mais caracteres particulares.

Isto só é possível se o criador dirigir a consanguinidade, que a competência e espírito de observação lhe irão permitir, na descoberta do carácter repetitivo, mais ou menos aparente, que se transmite ao longo da linha e eliminar do seu canil os defeitos ou taras irreversíveis.

É preciso começar com genitores de qualidade, antecipadamente testados por um cruzamento experimental com vista a eliminar uma tara ou pelo exame dos ascendentes ou descendentes.

É igualmente possível verificar se o macho reprodutor “marca” e criar com cadelas diferenciadas para controlar a transmissão de qualidades.

É mais difícil fazê-lo com uma cadela, já que a sua reprodução é limitada no tempo. Aqui, o título de campeão não é garantia suficiente. Um campeão ou um cão nascido na casa de um criador com um afixo reconhecido, podem gerar maus cães.

A introdução de um cão estranho vai provocar uma mistura de sangues e portanto de qualidades ou defeitos que se transmitirão às gerações seguintes. A utilização repetida de um determinado cão destrói a homogeneidade do canil, apesar de uma selecção controlada e de resultados aceitáveis: o risco é grande de aparecerem defeitos ou taras irreversíveis.

A consanguinidade estreita entre pais e filhos, com selecção consciente, contribuem para fixar o tipo de reprodutor escolhido.

Veja um exemplo teórico mas significativo: cruza-se a filha com o pai, ou o filho com a mãe e na segunda geração, a neta com o avô e na terceira geração o bisneto com o bisavô e assim em diante... em cada

geração, após separação dos cromossomas nas células sexuais o cachorro gerado recebe metade dos cromossomas, os genes do macho, mas perde de cada vez, a metade dos cromossomas da fêmea.

Devido à concentração de genes do ancestral comum, temos grandes possibilidades de encontrar um ou vários caracteres na sua descendência, na condição de que outras não se percam pelo caminho.

O Professor Queinnec, exhibe o processo seguinte:

50% para o filho/a – 1ª geração  
50 + 25% = 75% para a 2ª geração  
75 + 12,5% = 87,5% para a 3ª geração  
87 + 6,25% = 93,75% para a 4ª geração  
93,75 + 3,12% = 96,85% para a 5ª geração

e que, em aproximadamente 10 anos, 5 gerações, o produto acabado assemelhe-se verdadeiramente ao seu ancestral.

Para evitar os inconvenientes desta consanguinidade directa, podemos praticar uma consanguinidade larga, ou seja, cruzar pares cada vez mais longínquos, como por exemplo parentes de 3ª grau, tios e tias, primos e primas.

Para permitir a homogeneidade na criação é preciso fazer consanguinidade estreita.

Para revigorar a criação, podemos utilizar, por vezes, um reprodutor diferente, na condição que “marque” fortemente e de voltar seguidamente à consanguinidade estreita.

Escolhemos sempre, reprodutores, pela sua morfologia e pelos caracteres hereditários dos seus ancestrais ou descendentes.

O jovem criador deve conhecer perfeitamente o estalão e adquirir princípios sólidos de genética.

Não esquecer estes princípios, para não assistir ao desaparecimento do tipo correcto, procurado pelos verdadeiros criadores amadores.